

Casamento Virtual: Como os Rituais de Casamento Foram Ressignificados Durante a Pandemia¹

Dalila Coelho SILVA²

Paulo NASSAR³

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

Resumo

O presente artigo analisa matérias publicadas em sites de notícias sobre casamentos realizados virtualmente durante a pandemia de covid-19, a fim de compreender como o isolamento social imposto para controlar a pandemia modificou a prática de ritos milenares e como a internet possibilitou novas formas celebrar, experienciar e compartilhar esses rituais. Para isso, o estudo se baseia nos conceitos de rituais e narrativas, com o foco em rituais de casamento, para analisar reportagens publicadas nos veículos Revista Trip, Claudia, Vogue e F5 nos anos de 2020 e 2021 com relatos de noivos que tiveram a celebração de casamento adaptada para o meio virtual por causa da pandemia de coronavírus.

Palavras-chave: Rituais de casamento; Pandemia de covid-19; Análise de narrativa; Eventos virtuais.

Introdução

A pandemia de covid-19, além de causar impactos profundos na saúde pública e economia do mundo inteiro, modificou também o panorama das interações sociais. Para evitar a propagação do coronavírus, entidades governamentais e de saúde incentivaram as populações a diminuir o contato social ao estritamente necessário e evitar aglomerações de pessoas, pois estas são as principais formas de contaminação. Por causa do *lockdown*, eventos de diversas naturezas tiveram que ser cancelados, adiados ou repensados em novos formatos, e o papel da internet para conectar pessoas ganhou ainda mais força.

Dentre os eventos muito impactados pela pandemia estão as celebrações de casamento. Com as restrições para aglomeração, milhares de casais no mundo inteiro tiveram que

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Cultura Digital, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da USP, e-mail: dalilacoelho@usp.br.

³ Orientador do trabalho. Professor doutor da Escola de Comunicações e Artes da USP, e-mail: paulonassar@usp.br.

adiar o sonho de viver o ritual de casamento ou adaptaram o evento para a realidade pandêmica, através de comunhões reduzidas ou até mesmo casamentos a distância. Uma das formas de celebração que se popularizou no último ano é o casamento online, com a adaptação do rito para as telas dos computadores através de aplicativos de videochamadas e de transmissão ao vivo. Os noivos que não quiseram adiar a união encontraram soluções criativas para oficializar a nova fase de vida e compartilhar o momento com familiares e amigos sem colocar a saúde em risco.

Dedicando um olhar antropológico para essa nova forma de realizar celebrações e promover interações sociais através da internet, surge um interesse sobre como os rituais têm se ressignificado no universo virtual, uma vez que um dos aspectos essenciais para a celebração de um ritual é a presença de outros indivíduos que compartilham daquele momento — e essa presença física está limitada devido à pandemia. Segalen cita Durkheim para explicar a importância da coletividade na garantia da eficácia do rito:

Durkheim, afinal, aborda os problemas da eficácia do rito, que a antropologia contemporânea também se esforça para resolver. Para ele a resposta está no social: um rito produz estados mentais coletivos suscitados pelo fato de o grupo estar reunido. “O essencial é que haja indivíduos reunidos, que sentimentos comuns sejam experimentados e expressos em atos comuns. Tudo nos leva à mesma ideia: os ritos são, antes de tudo, os meios pelos quais o grupo social se reafirma periodicamente.” (SEGALEN, 2002, p. 23 e 24)

Assim, surge a questão: como a internet tem ressignificado e possibilitado novas formas de experienciar os rituais de casamento? Para responder a essa pergunta, o presente artigo faz uma análise de narrativas de matérias publicadas em jornais sobre como casais usaram a internet para criar uma nova forma de celebrar o matrimônio e compartilhar o momento virtualmente com seus convidados. Afinal, como define Segalen, “uma das principais características do rito é a sua plasticidade, a sua capacidade de ser polissêmico, de acomodar-se à mudança social” (SEGALEN, 2002, p. 15); e o observado, à princípio, é que seja para oficializar a união e garantir direitos, ou por não querer adiar os planos, milhares de casais encontraram conforto e eficácia nessa celebração virtual do amor.

Rituais como narrativas

Para entender como os rituais atuam como narrativas, é preciso primeiramente conceituar o que são narrativas. Mais do que simples configurações textuais, as narrativas são construções de sentido que articulam dimensões temporais, espaciais, ideológicas e estéticas, conformando recortes do real a partir da perspectiva de quem a produz. Leal explica que

Narrar é estabelecer um modo de compreensão do mundo, de configurar experiências e realidades, de comunicar-se com o outro. As narrativas, portanto, encontram-se difundidas por diferentes realidades e tempos históricos, têm claramente uma dimensão antropológica e envolvem tanto uma pragmática quanto um conjunto de mediações diversas. (LEAL, 2013, p. 28)

Dessa forma, as narrativas conformam a experiência humana tanto para os narradores quanto para seus receptores. Longe de ser um espelhamento dos fatos, as narrativas são um agir sobre os acontecimentos, uma ação criativa de realidades e de entendimentos a partir de um olhar próprio. Leal (2013) recupera em Benjamin para explicar que as narrativas visam dar forma, moldar e dispor os acontecimentos e experiências em uma construção de sentido que dê ordem ao caos e torne a experiência humana mais compreensível, figurável e legível. “Essa acessibilidade diz de uma comunicabilidade, que, por sua vez, é ela mesma ‘narrativa’. A partir das histórias, apreendemos o mundo, a nós mesmos e aos outros” (LEAL, 2013, p. 32).

Assim, os rituais também podem ser entendidos como narrativas, pois são práticas de simbolização que ordenam a desordem, atribuem sentido ao imprevisível e conferem aos atores sociais os meios para dominar o tempo, os acontecimentos e suas relações. Segundo Segalen,

O rito ou ritual é um conjunto de atos formalizados, expressivos, portadores de uma dimensão simbólica. O rito é caracterizado por uma configuração espaço-temporal específica, pelo recurso a uma série de objetos, por sistemas de linguagens e comportamentos específicos e por signos emblemáticos cujo sentido codificado constitui um dos bens comuns de um grupo. (SEGALEN, 2002, p. 31)

A autora pontua ainda que uma das principais características do ritual é sua maleabilidade, a capacidade de ser polissêmico e de se adaptar às mudanças sociais, misturando o tempo individual e o tempo coletivo. Os ritos são um conjunto de condutas repetitivas

compartilhadas por um grupo e relativamente codificadas, baseadas no suporte corporal e com forte carga simbólica. Douglas complementa a conceituação do ritual apontando a importância dos ritos sociais para a construção da sociedade:

Enquanto animal social, o homem é um animal ritual. Elimine-se uma certa forma de ritual e ele reaparece sob outra forma, com tanto mais vigor quanto mais intensa for a interação social. Sem cartas de condolências ou de felicitações, sem os bilhetes postais de vez em quando, a amizade de um amigo distante não tem realidade social. Não existe amizade sem ritos de amizade. Os ritos sociais criam uma realidade que sem eles nada seria. Não é um exagero dizer que o rito é mais importante para a sociedade do que as palavras para o pensamento. Pode sempre saber-se alguma coisa e só depois encontrar as palavras para exprimir aquilo que se sabe. Mas não existem relações sociais sem actos simbólicos. (DOUGLAS, 1991, p. 50)

Ou seja, mesmo diante de impedimentos, o ser humano consegue encontrar outras formas para simbolizar suas relações sociais — e isso pode ser observado nas diversas formas de conexão que se popularizaram durante o isolamento social vivido no ano de 2020.

Visando explicar as funções e efeitos dos rituais, a autora conceitua: “Para cada um de nós, tomado individualmente, estes actos quotidianos e simbólicos, que são os ritos, têm diversas funções: permitem-nos isolar certos fenómenos e valorizá-los, fornecem-nos um método mnemónico e, por fim, um meio de dominar a nossa experiência” (DOUGLAS, 1991, p. 50). Especialmente nos ritos de passagem, em que o indivíduo atravessa fronteiras e modifica seu status social, há um forte valor de domínio da experiência, marcação temporal e agregação social nos rituais.

Por fim, unindo a antropologia à comunicação e à linguagem, Nassar, Farias e Pomarico explicam porque o ritual é também uma narrativa:

Essa potência denominada ritual é uma narrativa, que contém uma plataforma de mídias. Na dimensão da performance é corpo, nas dimensões da pintura, da escultura, do teatro, da música, do audiovisual, da escultura, da arquitetura é arte. O ritual nos aproxima de Dionísio e equilibra o Apolo padronizado. Algo que lembra que, na atualidade, a comunicação não é parte de um organismo, não pode ser vista mais como processo, como ferramenta. A comunicação é o organismo, em suas dimensões de passado, presente e futuro. A comunicação não é um fenómeno organizacional, que pode ser separado do todo, mas é a própria organização. (NASSAR, FARIAS E POMARICO, 2019, p. 1 e 2)

Enquanto narrativa, o ritual engaja o eu e o outro, o narrador e o receptor, e se utiliza de mídias para se materializar. O ritual se apresenta em textos, corpos, performances, gestos, imagens, sons, palavras e objetos, situados em um tempo e espaço específicos e compartilhados com a comunidade envolvida no ato, que comunga dos mesmos códigos e significados. Através da repetição de gestos e símbolos comuns ao grupo, o ritual busca alcançar alguma eficácia.

Com essa conceituação, chega-se ao questionamento de como as narrativas e rituais têm se configurado no contemporâneo, especialmente no contexto pandêmico, em que o social foi retirado de cena. Como esses corpos, espaços, gestos e objetos essenciais para compor os rituais têm se reconfigurado e se materializado no virtual? Ao modificar o tempo, o espaço e a presença dos rituais, a eficácia é mantida nesse novo meio? Para Segalen (2002, p. 38), “cada época tem os ritos que merece. O importante é compreender que eles são o resultado de situações sociais específicas”. Por isso, o presente estudo faz uma análise de narrativa para compreender como os rituais de casamento se reconfiguraram virtualmente em 2020 e 2021 por causa das medidas de segurança adotadas para combater a propagação do coronavírus.

Os rituais de casamento no contemporâneo: do rito de passagem ao espetáculo

Antes de analisar como os rituais de casamento foram modificados durante a pandemia de covid-19, é necessário entender como esses ritos se organizam no contemporâneo. Para isso, busco em Van Gennep (2012), que conceitua os ritos de passagem tradicionais, e em Segalen (2002), que em sua obra “Ritos e Rituais Contemporâneos” descreve as transformações sofridas nos ritos matrimoniais de 1930 aos anos 2000.

Van Gennep (2012) aponta que a complexidade dos ritos de casamento varia de sociedade para sociedade, mas que as cerimônias conservam em comum a coletividade interessada pela união dos noivos, a mudança de status social dos dois indivíduos durante o rito e a perturbação social causada por esta união. “Casar-se é passar da sociedade infantil ou adolescente para a sociedade madura, de certo clã para outro, de uma família para outra, e muitas vezes de uma aldeia para outra” (VAN GENNEP, 2012, p. 118). As práticas adotadas em cada cerimônia variam, mas o valor metamorfofísico e de união de dois grupos é compartilhado pela maioria das tribos que realizam os ritos de casamento. Além disso,

o interesse econômico é o principal catalisador para essas uniões. Por fim, o autor pontua que o casamento é uma iniciação, a “materialidade da modificação de situação social” (VAN GENNEP, 2012, p. 129).

Já no século 20, o caráter de iniciação à vida adulta deixa de ser o ponto principal dos ritos de casamento. Segalen (2002) explica que, a partir da década de 1970, a vida familiar passou por transformações profundas que implicaram também em mudanças nos ritos de casamento.

Aquilo que marcava o casamento de outrora, ou seja, a transferência da mulher para um nova moradia, o acesso à sexualidade e ao estatuto de adulto são etapas sociais ultrapassadas já há muito tempo. Estaria então o ritual vazio de sentido? Estaria o casamento, quando celebrado no cartório ou na igreja, reduzido a uma simples formalidade? (SEGALEN, 2002, p. 120)

Com o acesso das mulheres ao mercado de trabalho e à independência financeira, o casamento deixou de ser o único caminho para iniciar a vida adulta. Os jovens passaram a alcançar estados sociais antes conquistados apenas através do casamento, como morar sozinhos, ter parceiros sexuais e coabitar antes do casamento — e, com isso, passaram também a se casar mais tarde. Assim, casar-se deixou de ser uma porta de entrada para a vida adulta, orquestrada pela família dos noivos, e passou a ser a celebração de um desejo dos jovens protagonistas.

Porém, como é questionado pela autora, essa mudança na fase de vida em que o ritual é praticado não implicou em um esvaziamento de sentido do rito. Houve, na verdade, um “domínio do ritual pelos esposos” (SEGALEN, 2002, p. 120), que desejam transformar a união em um espetáculo e elaboram novas tradições para celebrar o ritual.

Ainda que hoje numerosos casamentos já não celebrem passagens, eles continuam incluídos na categoria dos ritos, seja porque oferecem um espaço para a simbolização, seja porque constituem pequenas sociedades de efervescência temporária apoiadas no desenvolvimento da sociedade-espetáculo, seja também porque sua forma permite sugerir a ideia de um ato de tradição, princípio bastante valorizado neste final do século XX, socialmente incerto. (SEGALEN, 2002, p. 121)

Conforme aponta a autora, há uma inflação do ritual, que também se dilata a fim de ter mais tempo para preparar uma cerimônia perfeita. Os noivos assumem o papel central na

elaboração do ritual, que é feito de acordo com suas vontades e as tendências replicadas pelos jovens casais de cada época. Ou seja, diferentemente dos ritos de casamento tratados por Van Gennep, o casamento no final do século 20 e início do século 21 não é mais uma cerimônia realizada pelos pais dos noivos por interesses econômicos e de iniciação do casal à vida adulta, e sim uma cerimônia realizada mais tardiamente na vida adulta a partir da escolha dos próprios noivos de celebrar a união, muitas vezes após o acesso a independência financeira, iniciação sexual e coabitação.

Outro destaque apontado por Segalen (2002) é a transformação que o ritual sofre de eclesiástico para midiático: o ponto principal do casamento deixa de ser a bênção religiosa da união e passa a ser a intenção de criar um espetáculo que celebre o amor verdadeiro vivido pelo casal. Desde a escolha do cenário, figurinos, decoração e programação das etapas do ritual, ao registro em fotos e vídeos para eternizar os momentos vividos pelos noivos e seus convidados, há a clara intenção de transformar o ritual de casamento em um evento midiático. “Aquilo que os recém-casados representaram, durante um dia inteiro, diante da objetiva é uma breve ação dramática que de uma vez por todas transforma os sujeitos em atores profissionais representando uma história de amor para um público potencialmente infinito” (GALLINI apud SEGALLEN, 2002, p. 139 e 141), explica a autora, ao abordar o papel da filmagem no casamento.

O objetivo, como é apontado por Segalen (2002), passa a ser criar um evento memorável, comentado pelos pares e com registros que façam o ritual perdurar no imaginário. Os jovens passam a ter um papel mais central na cerimônia, com a participação significativa dos amigos e familiares de idades próximas aos noivos. Em cada comunidade e em cada época surgem práticas a serem replicadas pelos casais durante a cerimônia para fortalecer a validade do ritual. “Assim, não é tanto o casamento dos pais que se oferece como modelo, mas o de amigos e primos realizados no decorrer dos anos anteriores” (SEGALLEN, 2002, p. 141 e 142), explica a autora. Por fim, casar-se nos anos 2000 significa, na maioria das vezes, celebrar de uma forma espetacular e memorável o compromisso firmado pelo casal a partir do próprio desejo de união.

A partir desse referencial, busco desvendar como o ritual de casamento se adaptou para o meio virtual durante a pandemia de covid-19 e como são as novas tradições que têm surgido para celebrar a união do casal de maneira remota. Para isso, analisei matérias

publicadas em sites de notícias brasileiros que apresentam depoimentos de casais que se casaram virtualmente por causa das restrições impostas para conter a propagação do coronavírus.

Casamento e isolamento: como o ritual matrimonial se ressignificou durante a pandemia de covid-19

Para analisar como os rituais de casamento se adaptaram para o virtual durante a pandemia de covid-19, foram selecionadas quatro matérias publicadas pelos seguintes sites de notícias: Revista Trip, Claudia, Vogue e F5. Em cada matéria, casais entrevistados compartilham como foi a experiência de celebrar a união em um formato inédito por causa das restrições impostas para controlar a propagação do coronavírus. Foi feita uma análise das narrativas que compõem esses textos, a fim de perceber os sentidos criados pelos relatos e a forma como os noivos configuram essas vivências. Assim, busco entender as marcas deixadas por essa nova forma de se casar no século 21 e as novas perspectivas de celebração ritual que foram possibilitadas através da internet.

Na reportagem “Amor em tempos de isolamento” (REVISTA TRIP, 2020), publicada online pela Revista Trip em junho de 2020, a estilista Vicky Kacelnik dá depoimento sobre como foi a sua cerimônia de casamento realizada pelo Zoom. O casal, que estava junto há sete anos e com cerimônia marcada para maio de 2020, adiou a celebração por causa da pandemia de coronavírus. “Aquilo caiu como uma bomba para mim, a gente tinha planejado tudo nos mínimos detalhes. Eu brinco que, nos últimos meses, vivi as fases do luto, da negação à aceitação” (REVISTA TRIP, 2020), conta a noiva.

A cerimônia do casal foi reagendada para novembro do mesmo ano. Porém, no dia em que era para a festa ter acontecido inicialmente, o casal foi surpreendido pelos amigos, que organizaram uma cerimônia virtual surpresa.

Eles avisaram que, na data, a gente tinha que estar on-line em determinado horário e vestidos com roupa de festa. Ao longo do dia, fomos recebendo coisas [por delivery] para fazer uma mini-festa de casamento, com comidas, flores, docinhos, bebidas e até um bolo. Em cada brigadeiro tinha um palito espetado com a foto do rosto de alguns amigos.

Quando chegou a hora, recebemos um link do [aplicativo] Zoom e entramos em uma videochamada com mais de 80 pessoas. Nossos

familiares gravaram homenagens, teve até vídeo com as crianças simulando a entrega das alianças. Somos judeus e um amigo que acabou de virar rabino fez uma bênção religiosa, a gente quebrou copos, que é uma tradição judaica. (REVISTA TRIP, 2020)

É interessante notar que a comunidade envolvida no casamento (os amigos e familiares dos noivos) tiveram um papel essencial para que o ritual se materializasse mesmo que a distância. Houve um esforço para manter as tradições rituais comuns às celebrações de casamento, como a entrega das alianças, a bênção religiosa e a quebra dos copos, ainda que não fosse possível que todos estivessem presentes fisicamente.

Através da internet, dezenas de pessoas próximas ao casal puderam participar do ritual e colaborar para a eficácia da celebração, se empenhando inclusive para que o ritual fosse realizado como uma surpresa para o casal. Isso mostra o quanto o casamento é importante não só para os noivos, mas para toda a comunidade envolvida. Ao final do depoimento, Vicky conta que acabou se casando no civil alguns dias após a cerimônia virtual, ainda que a festa presencial estivesse agendada para novembro. Essa oficialização pode ser entendida como uma forma de validar a cerimônia surpresa, mostrando assim o valor e a eficácia que o ritual teve para o casal mesmo sendo realizado virtualmente.

Na matéria “Casamento por Zoom é alternativa para quem quer celebrar na pandemia” (CLAUDIA, 2020), publicada pela Claudia em julho de 2020, o casal Bruno Figueiredo e Bela Couy compartilha a história do seu ritual de casamento realizado através do Zoom. A cerimônia, que estava marcada para o dia 13 de junho, seria realizada nos moldes de uma festa junina em um sítio, porém o casal percebeu que não seria possível manter a ideia inicial por causa da pandemia. Assim, por sugestão da mãe da noiva, optaram por realizar uma festa online na semana seguinte e convidar toda a família e amigos para participar. O casal planejou um ritual pela plataforma Zoom com cerca de 12 horas de duração. Estiveram fisicamente presentes na celebração apenas os pais e avós dos noivos e um fotógrafo.

“Adoramos a ideia, mas sabíamos que para ser legal, teríamos que transformar o casamento quase em um ‘quadro de TV’, com uma programação. Isso porque se só fossem pessoas falando poderia ficar meio chato para quem está assistindo. Assim surgiu a ideia de fazer meio que um sarau, mesclando discursos de convidados com apresentações de música”, conta Bruno. O casamento foi transmitido por Zoom, onde os convidados puderam participar ativamente da festa, e também pelo

YouTube. O casal criou uma programação extensa com apresentações de DJs, poesias, discursos e até uma apresentação musical de Bela e seu pai. (CLAUDIA, 2020)

No relato dado pelos noivos, fica evidente a transformação do rito de casamento em um espetáculo que beira o televisivo, com transmissão ao vivo, organização em blocos, presença de uma pessoa para comandar a cerimônia e diversas apresentações artísticas que preencheram o evento. Outro ponto que vai de encontro com as nuances apresentadas por Segalen (2002) é que o único convidado para a cerimônia presencial que não é um membro da família dos noivos foi o fotógrafo responsável por registrar o evento. Para além de criar um evento espetacular e memorável, outra prática essencial na celebração contemporânea do matrimônio é a eternização do momento através de fotografias e vídeos profissionais, que expandem o ritual e permitem levar aquela história de amor para pessoas que não assistiram à união.

A matéria detalha também como o ritual foi realizado:

A celebração começou com a apresentação do DJ D.Vyvor, amigo do noivo, diretamente de Londres, seguida pelos votos dos pais dos noivos, os votos de Bela e Bruno e falas de amigos de vários lugares do mundo. “Foi muito legal poder reunir pessoas queridas de vários lugares, pessoas que talvez nem pudessem comparecer caso a festa fosse pessoalmente. Amigos que nem sabem falar português se divertiram muito e participaram do casamento”, diz o noivo. Depois da cerimônia, que foi celebrada por uma amiga, e do sarau, seguiu-se para a festa comandada por DJs da festa Geleia Geral, muito conhecida em BH. (CLAUDIA, 2020)

É possível perceber que, mesmo sendo realizada virtualmente, a celebração conseguiu abarcar tanto o aspecto simbólico do ritual, com a efetivação da união feita por uma amiga e abençoada pelos pais dos noivos, quanto o aspecto festivo do matrimônio, com apresentações artísticas, pista de dança virtual e participação de amigos que prestaram homenagens ao casal. Segundo os noivos, o casamento reuniu cerca de 300 convidados através do Zoom e de transmissão no YouTube.

Por fim, o casal comentou o que achou de mais significativo na realização do casamento, confirmando a eficácia da celebração no modo virtual:

Quando questionados sobre qual foi o momento mais marcante do casamento para eles, Bruno e Bela dizem não conseguir escolher. Para

eles, tudo foi muito especial. “É meio clichê dizer isso, mas foi muito feliz ver que, apesar da distância, conseguimos unir todo mundo através dessa ferramenta”, diz a noiva. (CLAUDIA, 2020)

O casal aponta também que recebeu muitos relatos positivos dos convidados, que não imaginavam que um casamento online poderia ser tão emocionante. Como é apontado por Segalen, aí reside a complexidade do rito de casamento: “Os rituais familiares, em particular os matrimoniais, constituem um objeto de estudo paradoxal: o casamento é um rito complexo, ao mesmo tempo banal pela sua repetição e sempre uma ocorrência singular para os indivíduos, famílias e grupos engajados” (SEGALEN, 2002, p. 121 e 122). Ou seja, ao mesmo tempo em que é um ritual banal, repetido há séculos com muitas semelhanças, é sempre um acontecimento único para os envolvidos na celebração, pois marca a união de dois indivíduos — e, no caso dos casamentos realizados virtualmente durante a pandemia de coronavírus, ainda trouxeram para os envolvidos o ineditismo de participar de uma nova forma de ritualização.

Já na matéria “Namoradas se casam a distância durante a quarentena” (VOGUE, 2020), publicada pela Vogue em setembro de 2020, a relações-públicas Amanda Abed dá depoimento sobre seu casamento virtual e a distância com a advogada Sabrina Gleason, que mora nos Estados Unidos. O casal estava junto há nove meses, mas havia se encontrado poucas vezes antes da pandemia e mantinha o relacionamento a distância desde então. Após conhecerem o movimento “*Love is not tourism*”, em que pessoas do mundo todo se manifestam para que os governos permitam o encontro entre parceiros residentes em países diferentes durante a pandemia, as duas decidiram oficializar a união para que Amanda tivesse direito à entrada nos Estados Unidos.

O casamento virtual, que inicialmente foi agendado como uma burocracia para possibilitar o reencontro das duas, logo se transformou em um evento para celebrar o amor. A noiva brasileira foi surpreendida pela família, que organizou um mini casamento surpresa com decoração, buquê, jantar e uma fotografia de Sabrina em tamanho real feita de papelão. Para compartilhar o momento com os amigos e familiares, Amanda fez uma *live* em seu Instagram, o que permitiu não só que seus convidados assistissem à cerimônia, mas ampliou o acontecimento também para todos os usuários da rede que quisessem prestigiar o casal.

O casamento aconteceu via Zoom. Minha mãe sentada ao meu lado como uma das testemunhas, em São Paulo, a Sabrina com a mãe dela em Syracuse, no estado de Nova Iorque e o Russ, oficial que realizou o casório, na cidade de Provo, em Utah. Os meus quase 90 convidados estavam no conforto de suas casas, acompanhando toda a cerimônia, que durou em torno de 30 minutos. Estavam todos assistindo a live, interagindo, mandando muito amor e, de certa forma, comemorando com a gente. O lado bom de casar em casa é que logo em seguida o vestido foi substituído por um moletom, o banquete foi pizza e não precisamos nos preocupar com o motorista da rodada, porque o sofá estava logo ali. (VOGUE, 2020)

Para além de possibilitar a união, a internet foi essencial para a existência do casal, que mantém a relação a distância desde o início do namoro: “a internet nos ajudou e teve um papel especial sendo a dama de honra do nosso casamento” (VOGUE, 2020) comenta Amanda. Através da internet e das novas possibilidades criadas para facilitar processos durante o período de isolamento social, como a oficialização virtual de casamentos, foi permitido ao casal cumprir o rito e garantir seus direitos enquanto casadas. Por fim, a noiva comenta que o casamento atípico combinou com o relacionamento nascido na internet, que desde o início depende dos meios de comunicação para sobreviver.

Não fomos separadas pela covid-19, afinal a distância já era nossa velha conhecida. Na verdade, foi justamente para evitar essa distância doída que resolvemos nos casar. Em outubro, se não precisarmos mudar os planos novamente, estaremos juntas - em quarentena -, mas pelo menos juntas. E no fim das contas é isso que realmente importa, né? O amor é a nossa resposta ao vírus e a todas as incertezas desse novo normal. (VOGUE, 2020)

Além da garantia de direitos, é a vontade de oficializar a união, iniciar uma nova fase de vida e celebrar o amor em meio ao caos que incentiva muitos casais a buscarem novas formas de realizar seus rituais de casamento durante a pandemia.

Outro matéria analisada é a reportagem “Casamentos intimistas e reduzidos viram opções durante a pandemia” (F5, 2021), publicada no site F5 da Folha de S. Paulo em maio de 2021, que apresenta histórias de casais que celebraram seus ritos de casamento em três modalidades diferentes: “home wedding (casamento em casa), miniwedding (cerimônia com até cem pessoas) e microwedding, (com até 30 participantes)” (F5, 2021). Na matéria, a professora Franciane Carvalho de Lima e o programador Leandro de Lima compartilham como foi casar-se em casa. O casal é testemunha de Jeová e conta que a ideia de realizar o rito em casa e transmiti-lo na internet partiu do ancião da igreja que frequentam.

No casamento, realizado em abril do ano passado, além dos noivos, eram os pais e uma avó da noiva. Os demais convidados assistiram à cerimônia de forma virtual, com transmissão ao vivo. “Foi tudo feito em casa. Decorei tudo, consegui o vestido, quem me maquiou foi a minha madrinha”, explica, “minha mãe arrumou o meu cabelo. Então foi tudo feito dentro do meu quarto”, diz Franciane. (F5, 2021)

Diante da impossibilidade de realizar a cerimônia em um templo religioso, o casal fez da própria casa um espaço sagrado para consagrar o ritual. Como explica Eliade, “a revelação de um espaço sagrado permite que se obtenha um ‘ponto fixo’, possibilitando, portanto, a orientação na homogeneidade caótica, a ‘fundação do mundo’, o viver real” (ELIADE, 1992, p. 18). Ou seja, em meio ao caos pandêmico, o desejo do casal de ritualizar sua união fez com que um espaço mundano se tornasse sagrado para que eles pudessem realizar a cerimônia. A união foi oficializada por um ministro ordenado do outro lado da tela e os convidados assistiram e participaram também através da internet. Como afirma Franciane, a eficácia do ritual foi mantida nesse novo formato:

Ao recordar seu casamento, que teve plateia virtual, Franciane afirma que “não me senti menos noiva porque o meu casamento não foi presencial.” “Foi um momento único”, continua, “consegui chamar mais pessoas do que chamaria no casamento presencial”. “Não podemos ser egoístas com a vida das outras pessoas. Se há esses métodos online porque não usar”. (F5, 2021)

Isso mostra que o casamento virtual tem sido uma boa opção para os noivos não só para manter a segurança e preservar a saúde dos envolvidos, mas também para expandir o alcance do ritual para uma rede maior de convidados do que seria possível em uma festa presencial. Assim, a tecnologia possibilitada pelo Zoom, YouTube e outras formas de transmissão online tem atuado a favor dos noivos e permitido a ampliação do ritual para um alcance infinito, o que leva ao questionamento se esta não é uma nova tradição agregada ao rito que possa ser mantida mesmo após o fim da pandemia de coronavírus.

Conclusão

A partir das narrativas analisadas, fica evidente que a internet possibilitou uma nova forma de celebrar os rituais de casamento, em que a eficácia do ritual é mantida e o sentimento de satisfação por participar da união do casal é compartilhado por todas as

peessoas presentes (mesmo que virtualmente) na celebração. A impressão relatada pelos noivos é de que essa nova forma de se casar é tão especial quanto o casamento presencial e se comporta bem ao momento pandêmico, não havendo uma defasagem em relação ao modo “tradicional” de celebrar um casamento.

Diante dos relatos e do contexto atual de grande ampliação do uso da internet para realizar os mais diversos processos, o questionamento que surge, para o futuro, é se essa nova modalidade de celebrar o ritual de casamento será mantida mesmo após o final da pandemia. Enquanto pesquisadora, tenho a impressão de que sim, pois é uma opção viável e econômica para pessoas que não almejam criar um grande espetáculo e querem compartilhar a cerimônia com convidados de diferentes localidades.

Ademais, os rituais em geral seguem se atualizando constantemente, seja para se adaptar ao contexto ou para incluir novos códigos, hábitos ou ferramentas. Assim sendo, é de se esperar que as celebrações rituais estejam cada vez mais presentes no virtual e que se apossem desse meio para expandir o alcance da prática e incluir pessoas que não conseguiriam estar presentes de outra forma. Afinal, como bem pontua Douglas (1991), o ser humano depende dos rituais para se organizar em sociedade e, diante de qualquer impedimento, faz surgir novas formas para praticar seus ritos e simbolizar suas conexões com a comunidade.

Referências

CLAUDIA. **Casamento por Zoom é alternativa para quem quer celebrar na pandemia**. 2020. Disponível em: <<https://claudia.abril.com.br/estilo-de-vida/casamento-por-zoom-e-alternativa-para-quem-celebrar-na-pandemia/>> Acesso em: 22 jul. 2021.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. Lisboa: Edições 70, 1991.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1992.

F5. **Casamentos intimistas e reduzidos viram opções durante a pandemia**. 2021. Disponível em: <<https://f5.folha.uol.com.br/viva-bem/2021/05/casamentos-intimistas-e-reduzidos-viram-opcoes-durante-a-pandemia.shtml>> Acesso em: 25 jul. 2021.

LEAL, Bruno Souza. O jornalismo à luz das narrativas: deslocamentos. In: LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto de (Org.). **Narrativas e poéticas midiáticas: Estudos e perspectivas**. Belo Horizonte: Intermeios, 2013. p. 25-47.

NASSAR, Paulo; FARIAS, Luiz Alberto de; RIBEIRO, Emiliana Pomarico. **Narrativas rituais: uma aproximação entre comunicação e antropologia**. 2019.

REVISTA TRIP. **Amor em tempos de isolamento.** 2020. Disponível em:
<<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/amor-em-tempos-de-isolamento>> Acesso em: 22 jul. 2021.

SEGALEN, Martine. **Ritos e rituais contemporâneos.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem.** Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

VOGUE. **Namoradas se casam à distância durante a quarentena.** 2020. Disponível em:
<<https://vogue.globo.com/Vogue-Gente/noticia/2020/09/namoradas-se-casam-distancia-durante-quarentena.html>> Acesso em: 27 jul. 2021.